



ISSN: 2358-0844
n. 18, v. 1
out.2022-dez.2022
p. 176-196

“Curto uma pegação no sigilo”: o Grindr como território de subjetivações dos espaços de desejo

(“I enjoy heavy making out in secrecy”: Grindr as a territory of subjectivation of spaces of desire)

(“Me gusta ligar en secreto”: Grindr como territorio de subjetivación de los espacios del deseo)

Will Paranhos^{1,2}

Cláudia Maria Inácio Costa³

RESUMO: Este artigo propõe reflexões e provocações acerca do aplicativo de relacionamentos *Grindr*, a fim de pensá-lo como um território possibilitador das mais diversas configurações assumidas por identidades dissidentes à cisheteronorma, permitindo um aprofundamento nas discussões em torno dos reflexos causados pelos processos de subjetivação que partem de uma perspectiva dicotômica e cisheterocentrada. Assim, partimos de um referencial teórico convergente com o objeto de análise e, posteriormente, seu desenvolvimento é orientado pela análise de conteúdo, em que foram coletados os dados de 25 perfis passíveis de análise. Ao final, percebe-se que o aplicativo se apresenta como um território pornotópico, haja vista a justaposição de distintos espaços – identidades, normas – que são incompatíveis. Tal divergência culmina no surgimento de três principais categorias: pornotopia e manutenção da cisheteronorma; pornotopia e invisibilização das violências; e pornotopia e sigilo.

PALAVRAS-CHAVE: Grindr. Armário. Pornotopia. Pegação.

Abstract: This article proposes reflections and provocations about the Grindr relationship application, to think about it as a territory enabler of the most diverse configurations assumed by dissident identities to the cisheteronorm, allowing a deepening of the discussions about the reflexes caused by the processes of subjectivation that start from a dichotomous and cisheterocentric perspective. Thus, we start from a theoretical framework that converges with the object of analysis and, later, its development is guided by content analysis, in which data from 25 profiles that can be analyzed were collected. In the end, note that the application presents itself as a pornotopic territory, given the juxtaposition of different spaces – identities, norms – that are incompatible. Such incompatibility culminates in the emergence of three main categories: pornotopia and maintenance of cisheteronorm; pornotopia and the invisibility of violence; pornotopia and secrecy.

Keywords: Grindr. Closet. Pornotopia. Making out.

Resumen: Este artículo propone reflexiones y provocaciones sobre la aplicación de citas Grindr, con el fin de pensarlo como posibilitador de las más diversas configuraciones asumidas por las identidades disidentes a la cisheteronorma, lo que permite profundizar las discusiones en torno a los reflejos provocados por los procesos de subjetivación que parten de una perspectiva dicotómica y cisheterocentrada. Así, partimos de un marco teórico que trata el objeto de análisis y, posteriormente, utilizamos el análisis de contenido para aplicarse a 25 perfiles recopilados. Como resultado, la aplicación se presenta como un territorio pornotópico, dada la yuxtaposición de diferentes espacios –identidades, normas– que no son compatibles. Tal incompatibilidad culmina con el surgimiento de tres categorías principales: la pornotopía y mantenimiento de cisheteronorma; la pornotopía y la invisibilidad de la violencia; y la pornotopía y secreto.

Palabras clave: Grindr. Armario. Pornotopia. Ligarse.

¹ William Roslindo Paranhos

² Mestra em gestão do conhecimento e especialista em estudos de gênero e diversidade na escola pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora do Laboratório Afrodite (CNPq). E-mail: williamroslindoparanhos@gmail.com

³ Doutoranda em sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisadora colaboradora do Núcleo de Pesquisa sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividades (Nuss/UFC), Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Desigualdades Sociais, Territórios e Margens Urbanas na Universidade Estadual do Ceará (GEP Margens/UÊCE). E-mail: claudiaicosta@yahoo.com.br



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 01/07/2022

Aceito em 11/08/2022

1 “Tá a fim de quê?”

Antes de adentrarmos ao conteúdo de nosso estudo, compreendemos ser de extrema importância explicitar as motivações que nos levaram ao seu desenvolvimento. Somos duas pessoas pesquisadoras que, em virtude das aproximações possibilitadas pelas redes sociais, se encontraram na divulgação de um grupo de estudos que seria desenvolvido por Cláudia. Durante uma tarde de explicações e reflexões acerca da obra *Pornotopia: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia*, de Paul Preciado, uma série de conexões começa a ser produzida por Will. Diante de uma análise puramente empírica, em virtude de seu passado enquanto “disponível” em aplicativos de “pegação”, e autore tornou possível a aproximação do uso da ferramenta com a obra discutida. Naquele instante, Will contactou Cláudia e o estudo foi desenhado. A mensagem enviada pelo autore dizia o seguinte: “[...] fiquei com muito desejo de realizar uma pesquisa nos aplicativos de relacionamento gay, analisando esse processo no qual homens ‘héteros’ utilizam desse espaço de forma pornotópica”. É desse momento, e dessa suposição, que partimos.

Em Sedgwick (2007) encontraremos uma análise acerca do “armário” como sendo um território que possibilita o exercício de regulação das vidas LGBTQIAP+, mas que também pode servir àquelas identidades que se compreendam enquanto integrantes de uma constituição hegemônica cisheteronormada. Em oposição ao “sair do armário”, em que se observa um processo de desestabilização dos preceitos sociais em torno das performatividades de gêneros e sexualidades, “entrar no armário” pode representar a garantia de um espaço seguro, distante do policiamento panóptico (FOUCAULT, 2012), modelando uma arquitetura baseada em sistemas de (in)visibilidade, poder e conhecimento (LAQUEUR; WHATELY, 2001), a qual podemos chamar de “sigilo”⁴.

Os aplicativos, enquanto ambientes que proporcionam encontros, foram ocupados por Will durante anos, ensejando um processo de (re)conhecimento de autore para com as diversas identidades ali encontradas, bem como suas distintas representações. Muitas delas utilizam do espaço a fim de salvaguardar seu direito de “esconder-se” do público, numa analogia oposta ao direito de aparecer em público, proposto por Butler (2018), criando uma região onde se justapõem diversos espaços incompatíveis, nos fazendo questionar: seriam os aplicativos de relacionamento voltados ao público LGBTQIAP+⁵ espaços que possibilitam o desenvolvimento de territórios pornotópicos?

4 Esse é um termo muito comum em aplicativos de relacionamento, sobretudo voltado ao público LGBTQIAP+. Representa a necessidade, ou o desejo, que muitas pessoas têm de estabelecer relações – principalmente sexuais – de maneira sigilosa.

5 Devemos frisar que a grande maioria desses aplicativos, como é o caso do Grindr e Hornet, apesar de serem utilizados por pessoas pertencentes às mais distintas categorias de análise das sexualidades, foram desenvolvidos com o intuito de tornarem-se aplicativos de relacionamentos voltados, prioritariamente, ao público de homens gays.



Assim, objetivamos, por meio de uma escrita reflexiva e provocativa, pensar neste território como sendo uma das possíveis configurações assumidas pela sexualidade dissidente à cisheteronorma e analisá-lo com base em evidências colhidas no aplicativo de relacionamentos Grindr, permitindo-nos aprofundar as discussões em torno dos diversos reflexos causados pelos mecanismos de subjetivação dicotômicos e predominantemente heterocentros no contexto social contemporâneo.

2 “Tem local?”: processos de (des)territorialização em um aplicativo

A palavra “território” é originária do latim *territorium*, referindo-se a uma “área delimitada, terra sob jurisdição”. (TERRITÓRIO, 2020b) Dentro de sua etimologia, podemos nos ater ao termo “delimitada”, proveniente de “delimitar”, enquanto verbo e de “delimitação”, enquanto substantivo, o qual significa “Ação de delimitar, de marcar as fronteiras geográficas de; demarcação: delimitação territorial; Marcação de limites; restrição, limitação: delimitação moral, ética, comportamental etc.”. (DELIMITAÇÃO..., 2020a)

De maneira muito sintética, podemos inferir que um território, então, constitui-se em qualquer espaço que possua suas fronteiras demarcadas e delimitadas. Um espaço onde podemos entrar e/ou sair, sendo que neste ato fica (de)marcada uma atividade concreta, objetiva ou subjetiva – a depender do contexto. Um armário, de forma literal ou figurada, é um espaço onde podemos entrar, de onde podemos sair e ainda, considerando seu tamanho, podem estar guardadas (ou seriam escondidas) muitas coisas. No campo das sexualidades

[...] o “armário”, esse processo de ocultação da posição de dissidência em relação à matriz heterossexual, faz mais do que simplesmente regular a vida social de pessoas que se relacionam sexualmente com outras do mesmo gênero, submetendo-as ao segredo, ao silêncio e/ou expondo-as ao desprezo público. Com efeito, ele implica uma gestão das fronteiras da (hetero)normalidade (na qual estamos todos/as envolvidos e pela qual somos afetados/as) e atua como um regime de controle de todo o dispositivo da sexualidade. (JUNQUEIRA, 2012, p. 71)

Esconder-se no armário não configura, tão somente, uma possibilidade de garantir o sigilo das atividades e práticas sexuais. Porém, em sua “montagem”, mesmo quando analisado sob a perspectiva do ato sexual, ele poderá contar com inúmeras peças que se fazem necessárias para que se mantenha de pé, sustentado “no modelo de experimentação homoerótica restrito ao plano privado e fruto de uma captura identitária caracterizada pelo ‘consumo de si’” (POCAHY; NARDI, 2007, p. 57), dotando-lhe segurança.

Outro local onde podemos observar que tal segurança é encontrada são os aplicativos (apps) (SARAIVA; SANTOS; PEREIRA, 2020) de relacionamento LGBTQIAP+.



cujo intuito é viabilizar encontros reais (físicos) entre homossexuais masculinos, majoritariamente discriminados pela cultura heteronormativa da sociedade, [onde] esta ressignificação dos espaços, principalmente no campo virtual, que se concretiza através do ato sexual no espaço físico, pode ser encarada como tentativa de construção de um território seguro para dar vazão aos desejos considerados “desviantes” dos homossexuais. (REZENDE; COTTA, 2015, p. 354)

Contudo, por quais motivos essas novas formas de territorialidade ensejam essa sensação de segurança às pessoas usuárias, como se percebêssemos uma reforma daquele móvel que já é nosso velho conhecido? Para responder, fazemos uso de um estudo de Miskolci (2009), o qual objetivou uma análise dos chats de relacionamento encontrados na internet. Para o autor, as conexões estabelecidas com o meio on-line e a sensação de uma impossibilidade de desconexão levaram as usuárias a se libertarem de grande parte das restrições outrora encontradas dentro do armário.

Além disso, devemos observar, também, sua ampliação durante a “reforma”, “por ter introduzido nele muitos que jamais explicitariam desejos por pessoas do mesmo sexo – e que o fazem agora graças ao anonimato – e porque a maioria das relações forjadas on-line já surge secretamente”. (MISKOLCI, 2009, p. 188) É fundamental, para muitas usuárias, a possibilidade trazida por anonimato/sigilo na digitalização das interações/relações (COSTA, 2020).

Para Lima, Couto e Silva (2020), outro aspecto fundamental consiste na estrutura oferecida por estes aplicativos que possibilita o estabelecimento de relações, a troca de informações, o compartilhamento da localização, envio ou não de fotos, entre outros. Durante o exercício da “caçassão”, são inúmeros os dispositivos utilizados que podem garantir o sigilo de quem está utilizando o aplicativo, diferentemente dos antigos espaços que consistiam em verdadeiros antros habitados pelos “frescos”⁶ (GREEN, 2000), em que tal possibilidade era inexistente, culminando em distintos processos de (de)limitação das usuárias.

Podemos, então, refletir sobre isso a partir de uma perspectiva do “sair do armário sem abrir a sua porta”. A pegação via aplicativo se dá em uma dimensão do “libertar-se” dos olhos “públicos”, tendo em vista que a troca de mensagens e encontros, muitas vezes, são enunciados como “sigiloso” entre os pares (ou quem mais participar), ao passo que os próprios perfis de usuários que foram encontrados nesta pesquisa não se identificam de pronto. Atentamos para o fato de que esta análise se faz a partir de um recorte específico, em uma única cidade, o que nos leva a crer que as questões aqui encontradas não se fazem como uma regra absoluta. Como podemos

6 Termo que se referia às pessoas homossexuais ainda no século XX.



perceber nos prints⁷ realizados no aplicativo, alguns usuáries usam codinomes e/ou fotos-avatars que não condizem com sua imagem real ou, se apresentam a imagem, dificilmente colocam seu verdadeiro nome. Poderíamos falar de “fissura” da noção do público e privado no âmbito das relações homoeróticas e/ou afetivo sexuais, contudo, há indicações que nos levam a crer que o aplicativo é “mais um território” parceiro da lógica do armário.

Seguindo com a análise podemos, também, pensar essas realidades e as relações ali estabelecidas como uma “metáfora de visibilidade” (SCOTT, 1998) a se iniciar pelo conhecimento sobre a existência do próprio app, ele está ali, na loja de aplicativos de cada operadora, em espaço digital de mercado público e disponível para download sem maiores restrições⁸. Sua utilidade é de reconhecimento público, o espaço pode não ser frequentado por todes, mas a sua existência o faz fato presente e firmado na sociabilidade dos afetos (digitais) dos corpos e desejos das margens.

Temos, assim, um espaço de desejos, afetos e curtição contraditório e ao mesmo tempo (e talvez por isso) amplo em significações, no qual convergem tanto normas estabelecidas pela lógica heterocentrada de construções das relações afetivo-sexuais digitais/virtuais no mundo, fundamentadas na cultura do armário para esses homens⁹ (), como a quebra do “sigilo” sobre a existência de tais relações, a partir da publicização por meio da mercadorização do app, com descrição textual de sua utilidade e do conhecimento público sobre sua existência como um todo.

3 “Tô a fim de uma brotheragem”: a pornotopia

“Brotheragem” é um termo comumente utilizado em aplicativos de relacionamento por pessoas que mantêm relações fora do padrão cisheterossexual. Ele se liga a uma expressão utilizada com alguma frequência em diferentes regiões do país, o inglês “brother”, que na tradução literal significa irmão, e na linguagem cotidiana utilizada, refere-se a uma definição de relações de afinidade e camaradagem entre homens. Além disso, o termo carrega em si uma conotação ligada à figura do macho. (JUNQUEIRA, 2012) Assim, fazer uma “brotheragem” define o desejo de homens de que se estabeleçam contatos de cunho sexual com outros homens, mas tornando indispensável a manutenção da macheza.

É dessa expressão que decidimos partir a fim de nos aprofundarmos no conceito de Pornotopia, inaugurado por Preciado (2020). Em síntese, a pornotopia representa uma capacidade no estabelecimento de relações específicas no que o autor chama de espaços onde atua a “sexualidade,

7 O termo “print” refere-se à captura de tela feita por meio de dispositivo móvel (celular) da imagem de sua própria tela.

8 O app aponta que sua classificação indicada para uso é a partir dos 18 anos, devido ao conteúdo sexual, nudez e linguagem imprópria, e por permitir interação de usuáries, compartilhamento de localização e compras no aplicativo.

9 A maioria dos perfis printados e analisados se apresentavam como “homem cis”.



prazer e tecnologia (audiovisual, bioquímica, etc.)”. Tal relação, construída e permeada de estilos específicos, alteram as “convenções sexuais ou de gênero” e são essas mudanças que possibilitam a produção de subjetividades sexuais resultantes desses entrelaçamentos e/ou interposições espaciais, territoriais e de desejos (pode ser definida como um determinado território onde se justapõem diferentes espaços os quais não possuem compatibilidade entre si). O conceito parte exatamente da concepção de heterotopia foucaultiana – ou pode pensá-lo como uma evolução deste –, tese defendida pelo autor, a qual relaciona-se com a existência de espaços de provisoriedade que podem ser habitados por sujeitos no desenvolvimento de uma ação. (FOUCAULT, 2013) O cinema, a escola, os museus e as galerias de artes são espaços elencados por Foucault como sendo heterotópicos, haja vista serem ocupados de maneira provisória pelas pessoas durante determinadas atividades. Tal provisoriedade se concentra no sentir, o qual acarretará uma experiência e uma relação única para cada individualidade. Assim, dependendo da experiência vivenciada, o espaço pode ter uma ocupação (delimitação) distinta, culminando na existência de condições não hegemônicas.

Partindo de tal construção, Preciado (2020), em posse de outro conceito de sua autoria, a farmacopornografia (PRECIADO, 2018), também se atém às questões da experiência e da relação, agora vinculadas àqueles territórios socialmente definidos como sendo ligados ao exercício da sexualidade, como no caso dos bordéis, motéis, clubes de sexo, espaços tecnológicos, lugares em que existe um embaralhamento (justaposição) do tempo e do espaço.

Por meio de tal fenômeno, emerge a possibilidade de que a realidade – exterior àquele espaço – possa ser dissipada, criando a ilusão de uma localidade que detém suas próprias normas e regras, dotando-lhe de uma segurança, sem que surja o receio do ataque de imposições externas. Deste modo, as pornotopias constituem-se em “brechas na topografia sexual da cidade, alterações nos modos normativos de codificar o gênero e a sexualidade, as práticas do corpo e os rituais de produção de prazer”. (BARROS, 2021, p. 171)

Consoante a Preciado (2020), as pornotopias não são todas iguais, mas suas características tornam possível aproximá-las e assim criar algumas “categorias”: pornotopias de proliferação extensa, territórios que possuem seus próprios códigos, sua própria legislação e hábitos característicos; pornotopias localizadas, espaços que possuem uma localização determinada; pornotopias de restrição, espaços destinados ao internamento e tratamento de pessoas desviantes no que tange às sexualidades; pornotopias de transição, aquelas próprias aos rituais de iniciação à vida sexual ou demarcação dela em uma instituição, por exemplo, no casamento podemos apresentar, como posto pelo autor, o quarto da noite de núpcias e a própria viagem de lua de mel (PRECIADO, 2020); pornotopias subalternas, visibilidade dos grupos minorizados; e pornotopias de resistência,



delimitações dentro do tecido geográfico onde ocorrem atos de encenação/manifestação das subjetividades dissidentes, como as paradas da diversidade ou teatros improvisados.

A partir da análise e reflexão sobre os achados na breve pesquisa, podemos tomar o app Grindr como um espaço pornotópico localizado, mas também uma pornotopia de proliferação extensa. Indicamos como um espaço pornotópico localizado, pois carrega em si a característica de construção virtual de relações por um público específico, situado em um lugar de conhecimento público, porém, restrito a um tipo específico de frequentadores (homens que se relacionam sexualmente com outros homens). Além disso, a dimensão de pornotopia extensa pode ser percebida na própria lógica desse dispositivo tecnológico. Já na disposição de suas regras ao baixar o aplicativo na loja de app, são indicadas condições e regras necessárias para a conduta das relações, singularizando as tratativas relacionais nesse espaço de sexo-prazer, conhecido também como espaço virtual de pegação. As regras propostas e as relações derivadas delas acabam por criar a ambientação que construirá formas singulares no âmbito da sexualidade e do prazer territorializados na e pela tecnologia.

O aplicativo em si, é um campo que cria novas possibilidades de produção do prazer, bem como uma ritualização tecnológica do sexo. As normas estabelecidas pelos termos de aceite do aplicativo conduzem a alterações na própria codificação dos desejos, do gênero e sexualidade ali posta em vitrine, já que percebe-se um estabelecimento de valor de troca implícito (nem tanto) nesse jogo de interesses e consumos. Desta forma, apontamos para outro fator também registrado por Preciado (2020), que diz respeito à lógica de superconsumo da sociedade, aqui neste contexto, neoliberal.

4 “Manda nudes”: percursos metodológicos

A construção de qualquer projeto de pesquisa que busque firmar-se na ética científica deve sustentar-se em uma metodologia que direcione as etapas do processo de construção. No instante em que nos percebemos, enquanto pessoas pesquisadoras, diretamente entrelaçadas e relacionadas com o espaço de pesquisa, acerca do qual nos motivamos a compreender o contexto e os processos ali desenvolvidos, sejam eles objetivos ou subjetivos, a pesquisa qualitativa irá surgir como um meio possível para que possamos alcançar resultados efetivos e substanciais. (CRESSWELL, 2014; YIN, 2016)

Porém, se de um lado marcamos nosso lado científico que entende a necessidade de diretrizes no trabalho acadêmico, por outro devemos, também, deixar expressa nossa pulsão (de vida) em relação à militância. Por isso, queremos aqui, amparados em Paranhos, Aguiar e Santos



(2021), deixar claro que reconhecemos o campo da pesquisa como estruturado sobre uma égide eurocêntrica e ocidental, que busca impossibilitar os afetos e “racionalizar os fatos”. (PARANHOS; AGUIAR; SANTOS, 2021, p. 252) Como fazer pesquisa sem sentir? Como produzir conhecimentos que não emergem de nosso querer e de nossa potência? Não acreditamos nisso. Ao contrário, Somos pesquisadores que seguem os preceitos decoloniais e pós-estruturalistas, reconhecendo sim a importância da ciência, mas não encerrando a vida e suas possibilidades em uma verdade científica. (WILLIAMS, 2013)

Sendo a metodologia o caminho que possibilita o cadenciamento da pesquisa e a efetividade dos resultados, o nudes, dentro de aplicativos de relacionamento, pode ser considerado o percurso metodológico ideal, pois os “nudes são moedas de troca que proporcionam maior visibilidade e possibilidade de conseguir chegar ao gozo”. (LIMA; COUTO; SILVA, 2018, p. 7) Queremos chegar, mas não sabemos, ao certo, o que iremos encontrar, sendo que, na verdade, nem queremos saber. O inesperado é o que nos causa interesse. (TEDESCHI; PAVAN, 2017)

Nessa “viagem”, o ideal é nos munirmos com instrumentos que nos guiem e possibilitem criar um desenho de nosso percurso. Assim, surge a cartografia como uma possibilidade de orientação no processo de pesquisa. Considerado como um método de pesquisa-intervenção que coloca e pesquisadore em contato com o objeto pesquisado dentro de seu contexto, a cartografia permite habitar territórios. O que iremos cartografar? Tudo. É essa a grande possibilidade que o método nos traz: tudo pode ser mapeado, mesmo aquilo que não esperamos. (CINTRA et al., 2017)

Assim, os dados foram coletados no aplicativo Grindr¹⁰, por ser considerado o melhor, e mais bem avaliado, aplicativo de relacionamentos para/por pessoas não cisheterossexuais. (ROCHA; COELHO, 2018) As coletas foram realizadas em maio de 2022, constituindo-se de imagens e descrições de 25 perfis ativos no aplicativo, todos localizados na cidade de Curitiba/PR, os quais não foram identificados, haja vista o fato de nos interessar, tão somente, os conteúdos expressos em seus perfis, numa aproximação dos preceitos encontrados em Grohmann (2016). Não foram utilizados critérios de inclusão ou exclusão, sendo que a coleta seguiu o raio de distância que o aplicativo possibilita de maneira gratuita¹¹.

Por fim, os dados foram analisados por meio de uma análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2010). Tendo já passado pelas três etapas apontadas pelo autor – organização, codificação

10 O Grindr criado pelo americano Joel Simkhai, em 2009, é uma rede geossocial que pode ser usada por diferentes sistemas operacionais e dispositivos móveis, como o Android, iPhone, iPod Touch, iPad, Blackberry OS, entre outros. O aplicativo está disponível para download na App Store e o Android Market/Google Play Store. O objetivo principal é viabilizar encontros “reais” entre homens gays e bissexuais que estão próximos entre si e, para isso, o app conta com o uso da tecnologia de geolocalização. (REZENDE; COTTA, 2015, p. 355)

11 O aplicativo dá a possibilidade de que a pessoa usuária adquira o pacote XTRA, aumentando o raio de alcance dos perfis.



e categorização – nos atemos, nesta última fase, ao tratamento, à inferência e à interpretação dos resultados, em que “ocorre a descrição analítica, a qual diz respeito ao corpus (qualquer material textual coletado) submetido ao estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos”. (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011, p. 735) Nesse sentido, tornou-se possível a busca por indícios que nos levaram a respostas acerca de nosso problema de pesquisa e objetivo proposto.

5 “Discreto, fora do meio e querendo brotheragem”: apresentação e análise dos dados

A frase que intitula esta seção é bastante comum em conversas realizadas dentro do aplicativo e acreditamos ir ao encontro dos dados que serão posteriormente apresentados e analisados. Ela representa, mais uma vez, as rupturas existentes/proporcionadas por este território, no instante em que as identidades desterritorializam-se, deixando explícitos, todavia, os reflexos causados pela norma cisheterossexual. O Quadro 1 apresenta os perfis que foram analisados, indicando os nomes ou codinomes, idades, descrição, utilização ou não de fotografias e a presença da apresentação de dados gerais e informação por parte dos usuáries.

Quadro 1 – Apresentação dos perfis¹²

Nome/Codinomes	Idade	Descrição ¹³	Foto	Apresentação de dados e informações
(em branco)	21	(sem descrição)	Não	Sim
Bora beber?	27	Homem trans. Bora tomar uma? Não tô só atrás de sexo ok?!! Um “oi” e uma foto de rosto já é um começo (emoji ¹⁴ de mão fazendo sinal de positivo). Não curto caras muito altos Não curto gordinhos ou ursos ¹⁵	Sim – rosto e corpo	Sim
(em branco)	40	(sem descrição)	Não	Sim
Cwb	40	Procurando algo	Não	Sim
K	24	Não pedi seu nudes ¹⁶	Sim – rosto e corpo	Não

¹² Os nomes considerados como próprios serão substituídos por numerais a fim de resguardar a identidade dos usuáries.

¹³ Os textos das descrições foram transcritos nos mesmos termos aos dos perfis.

¹⁴ “Emoji” é um termo extremamente utilizado em aplicativos de comunicação e internet, derivada por aglutinação dos termos japoneses: e + moji

¹⁵ Os “ursos” representam uma subcultura da comunidade gay cismasculina, apresentando uma identificação específica. O termo também se refere a uma descrição de um tipo físico, geralmente homens com pelos, barbas e gordos, musculosos ou parrudos.

¹⁶ “Nudes” são fotografias em que as pessoas aparecem nuas (corpo inteiro) ou mostram sua genitália. Bastante comuns em aplicativos deste tipo.



1	(não consta)	Afim de caras bom de papos, bom de beijo e bom de cama (emoji de rosto piscando o olho) Livre de preconceitos mas com minhas preferências Afim de falar sobre filmes, séries, músicas e coisas mundanas chega junto	Sim – corpo	Sim
krl	19	sou gordinho e passivo	Sim – rosto com máscara	Sim
Rafa	(não consta)	(sem descrição)	Sim – rosto	Sim
2	41	Respeito sempre deve ser via de mão dupla, sou reservado com quem faz parte do meu convívio, a opinião alheia na maioria das vezes não é de meu interesse quanto a minha sexualidade, pois quem paga as minhas contas sou eu. Meu caráter não aceita questões	Sim – rosto	Sim
(emoji de berinjela) Brasil (emoji de braço)	(não consta)	não me mandem foto anal... obrigado...	Sim – corpo	Sim
(em branco)	27	(sem descrição)	Sim – corpo	Sim
VERSÁTIL NOVO Q	(não consta)	quero sexo sem enrolação, não mando (emoji de câmera fotográfica) do cu, que ver só se for real, da rola eu mando, logo coloco foto no perfil, no momento estou sem local. Alguém quer tirar minha virgindade do meu cuzinho. SEXO JÁ, ÚLTIMA NOITE COM LOCAL. CHEGO EM CASA 23H.	Não	Não
kaká	32	(emoji com sinal de proibido) (emoji com sinal de proibido fumar) (emoji com sinal de negativo) +35 anos, casados, drogados e perfil sem foto. Educação é o mínimo. Não julgue quem você não conhece, mto menos pela aparência. Depois não adianta ficar reclamando que stá sozinho. Tenha maturidade e atitude de adulto. faz hj resultará no seu amanhã	Sim – queixo	Sim



M A D U R O ATIVO! 57	57	Casado com mulher. Ativo. Menor de idade favor NÃO entrar em contato. Se você acha estranho falar com alguém sem ver foto do rosto, nem entre em contato. Não troco nudes. TAP ¹⁷ ignoro!	Sim – corpo	Sim
19cm	18	(sem descrição)	Sim – corpo	Não
3	44	Vamos conversar primeiro. Seja paciente.	Sim – rosto	Sim
Adoro mamar	39	(sem descrição)	Sim – corpo	Sim
ATV62	62	(sem descrição)	Sim – rosto	Sim
M	23	Não estou com pressa nem com expectativa, sou seletivo. Menos pra amizades =] Se for rolar algo a mais... gounage ¹⁸ /pegação apenas. Não respondo sem foto... Não me interesse por mais velhos (max 26)	Sim – corpo	Sim
agora 18cm c/l	23	Só afim de diversão	Sim – corpo	Sim
(em branco)	26	(sem descrição)	Sim – rosto	Sim
(em branco)	24	(sem descrição)	Não	Sim
MotoboyFetiches	30	discreto e amarro em pés, e outras coisas (emoji de rosto com a língua para fora) verst/pass de conversar a curtição, tudo depende foto no pvd ¹⁹ s/l ²⁰	Não	Sim
(emoji de olhos)	30	(sem descrição)	Não	Não
...	20	(sem descrição)	Não	Sim

Fonte: Elaboração própria(2022).

Com base nos dados apresentados, podemos realizar algumas análises preliminares. A primeira delas concentra-se nas motivações que levam ao uso da ferramenta, expressas na descrição dos perfis. Ao observarmos trechos dos conteúdos de Bora beber? – “Bora tomar uma? Não tô só

17 O “tap” foi uma função incluída no Grindr em maio de 2017 para dar aos usuários uma nova opção de interação, mostrando interesse sem ter que entrar em uma conversa. Bastava clicar num ícone de “chama” para demonstrar interesse pelo outro. Disponível em: <https://bit.ly/3VqYOFU>. Acesso em: 18 jun. 2022

18 O nome parece estranho, mas a ideia é simples: gounage é sexo sem penetração. O termo é francês e significa sexo lésbico, mas é usado para definir a prática sexual não só entre mulheres, mas quaisquer casais, hétero ou não, Disponível em: <https://bit.ly/3gCMbsz>. Acesso em: 18 jun. 2022.

19 Abreviatura para “privado”.

20 Abreviatura para “sem local”.



atrás de sexo ok?!!” –, CwB – “Procurando algo” –, 1 – “Afim de caras com bom de papos, bom de beijo e bom de cama” – VERSÁTIL Q NOVO – “quero sexo sem enrolação” – e m – “Não estou com pressa nem com expectativa, sou seletivo. Menos pra amizades =] [...] Se for rolar algo a mais... gounage /pegação apenas” –, percebemos que es usuáries ocupam aquele espaço na intenção de experienciarem distintas formas de interação, as quais representam novas produções de sentido e que passam a ser incorporadas no cotidiano dos territórios virtuais. (REZENDE; COTTA, 2015)

Conforme cita Barreto (2018), o Grindr pode ser percebido enquanto “[u]m território onde linhas de força se cruzam no sentido de compor desejos que se querem normativos, mas que também se agenciam a tentativas de fuga, mesmo que ‘fugas menores’” (BARRETO, 2018, p. 119), estabelecendo uma relação dicotômica, oriunda dos tensionamentos gerados pelo “cistema” (PARANHOS, 2021) cisheteronormado, o qual podemos encontrar morada, acerca de seus reflexos, na teoria lacaniana, que ajusta as rupturas geradas entre o gozo e a falta, o querer e o não poder, a máquina desejante e as repressões impostas. (DUNKER, 2011) Por fim,

[é] nesse sentido que compreendemos o Grindr enquanto um mediador de corpos desejantes. São corpos que ocupam, transitam e comunicam; não somente de forma material, mas, principalmente, imaterial e simbólica; haja vista a defesa desse trabalho de uma nova espacialidade comunicativa e de um desdobramento corporal no tempo e no espaço. (REZENDE; COTTA, 2015, p. 356)

Tais análises, por si só, nos permitiram considerar o app enquanto espaço pornotópico, haja vista a justaposição de distintas expressões – identidades, normas – que possibilitam “um maior controle sobre o tempo e o espaço” (REZENDE; COTTA, 2015, p. 353) e que não são, conforme as convenções vigentes e impostas pelo padrão social hegemônico, compatíveis. Diante deste contexto e dando sequência ao aprofundamento dos processos de análise, os dados permitiram que construíssemos três categorias de conteúdo distintas, todas relacionadas com a utilização do aplicativo de forma pornotópica. (SARAIVA; SANTOS; PEREIRA, 2020) São elas: pornotopia e manutenção da cisheteronorma; pornotopia e invisibilização das violências; e pornotopia e sigilo.

5.1 Pornotopia e manutenção da cisheteronorma

Conforme já evidenciado por meio de trechos das descrições do aplicativo, ele se apresenta como este território onde incidem os regulamentos da cisheteronormatividade. O aplicativo, em se tratando de um ambiente virtual, possibilita maior “conforto”, “liberdade” e “segurança” nas interações, o que aponta para a manutenção de práticas convencionadas e utilizadas no espaço cidadão. (REZENDE; COTTA, 2015; SARAIVA; SANTOS; PEREIRA, 2020) Ao nos depararmos



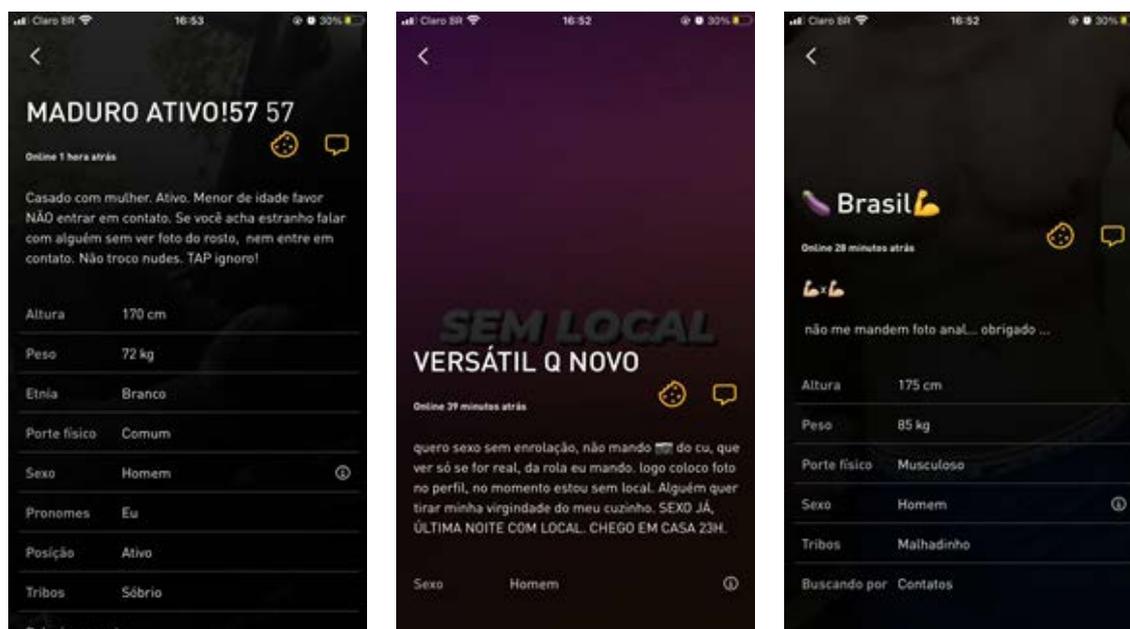
com o conteúdo do perfil de 1 e VERSÁTIL Q NOVO, ficam nítidas algumas expressões que nos remetem a essa manutenção da figura cismasculina hegemônica, no qual estes precisam ser “cautelosos na expressão de intimidade com outros homens, conter a camaradagem e as manifestações de afeto” (JUNQUEIRA, 2012, p. 70), o que pode ser constatado nos trechos que seguem:

Afim de caras com bom de papos, bom de beijo e bom de cama (emoji de rosto piscando o olho) [...] Livre de preconceitos mas com minhas preferências [...] Afim de falar sobre filmes, séries, músicas e coisas mundanas chega junto. (1)

quero sexo sem enrolação, não mando (emoji de câmera fotográfica) do cu, que ver só se for real, da rola eu mando. (VERSÁTIL Q NOVO)

Outro aspecto consiste na criação deste espaço distinto que é destinado às pessoas usuárias que se compreendem dentro de uma possibilidade de relação não cisheterossexual. “Outro”, também, é a maneira que podemos nomear tais pessoas, distanciadas por meio de um processo de diferenciação. (NASCIMENTO, 2021) Consoante à Junqueira (2012), “[p]ara eles, o ‘outro’ passa a ser principalmente as mulheres e os gays e, para merecerem suas identidades masculinas e heterossexuais, deverão dar mostras contínuas de terem exorcizado de si mesmos a feminilidade e a homossexualidade”. (JUNQUEIRA, 2012, p. 70) As Imagens 1, 2 e 3 representam essa operação com base no distanciamento.

Imagens 1, 2 e 3

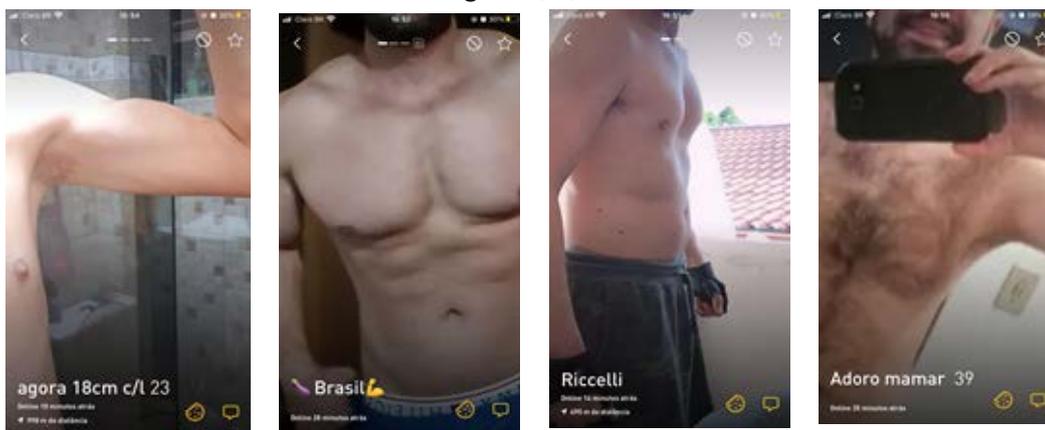


Fonte: Elaboração própria (2022).



Ainda relacionada à manutenção da macheza, surgem as expressividades por meio da imagem utilizada no território analisado, ao considerarmos ser “necessário para proteger a privacidade do ‘macho’ que tem relações sexuais com gays” (SARAIVA; SANTOS; PEREIRA, 2020, p. 123). O macho “viril” não tem sua masculinidade abalada “ao manter relações afetivas, eróticas ou sexuais com outros homens; ao contrário, ela era reforçada com o controle discursivo e físico do corpo desses outros homens”. (JESUS, 2019, p. 69) Essas corporeidades são representadas nas Imagens 4, 5, 6 e 7.

Imagens 4, 5, 6 e 7



Fonte: Elaboração própria (2022).

Por mais que nos passem despercebidos e sejam utilizados, em grande parte das vezes, como tática para facilitar o contato por meio do desejo, devemos evidenciar tais aspectos ao percebermos sua recorrência ao longo dos perfis. Os corpos aparentes, marcados pelos músculos, pelos e expressão de força, iniciam um movimento que concentra, segundo Jesus (2019), todo o poderio masculino, garantindo o controle com o uso do físico.

5.2 Pornotopia e invisibilização das violências

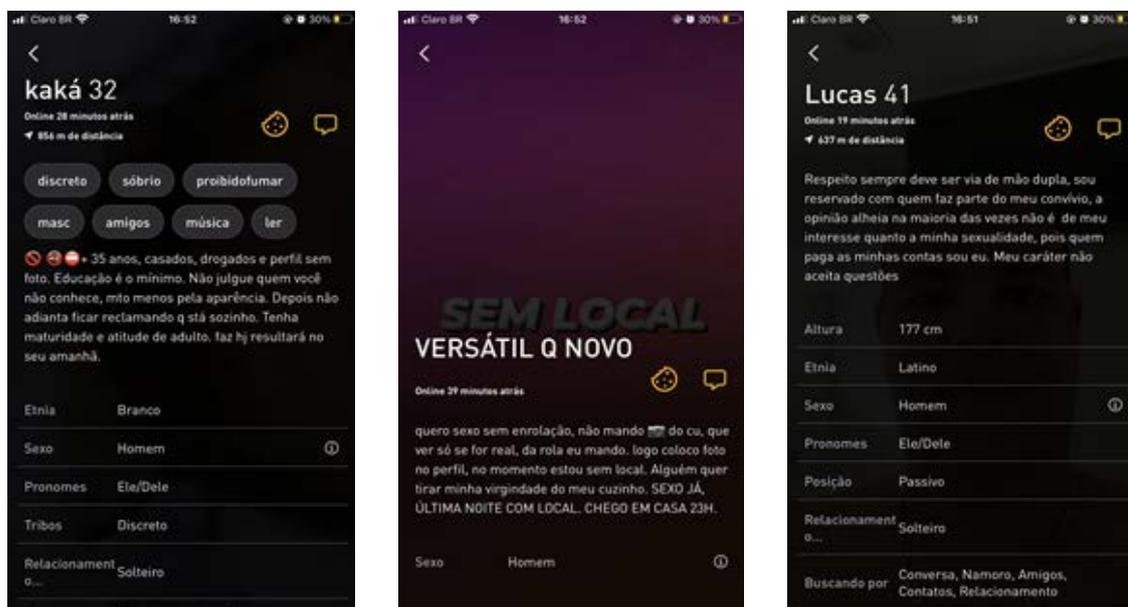
A força, por sua vez, traz em si a marca – em grande parte das vezes – do poder, que “é força, e relação de força, não forma”. (DELEUZE, 2008, p. 112) Foucault, em seus estudos da genealogia do poder, afirma que tal fenômeno não deve ser considerado sempre como negativo. Ao contrário, nada obstante, “é preciso considerá-lo mais como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social que como uma instância negativa que tem como função reprimir”. (FOUCAULT, 2014, p. 48)

Ao nos atermos às configurações textuais utilizadas por algumas usuáries do Grindr, perceberemos, mesmo que de maneira muito sutil, o estabelecimento de discursos de poder



relacionados à condição física e típico das construções do estereótipo do homem viril nos levando a perceber o uso da coerção, que se dá com o consignação de regras de conduta ou comportamento que são exigidas de outras pessoas daquele espaço, as quais tenham a pretensão de estabelecer qualquer tipo de contato.

Imagens 8, 9 e 10



Fonte: Elaboração própria (2022).

Alguns trechos como “Não julgue quem você não conhece, mto menos pela aparência. Depois não adianta ficar reclamando q stá sozinho. Tenha maturidade e atitude de adulto” (kaká), “quero sexo sem enrolação, não mando (emoji de câmera fotográfica) do cu, que ver só se for real, da rola eu mando” (VERSÁTIL Q NOVO) e “[...] a opinião alheia na maioria das vezes não é de meu interesse quanto a minha sexualidade, pois quem paga as minhas contas sou eu” (2), representam que a “força pedagógica do armário parece residir inclusive na sua capacidade de garantir a não nomeação de suas violências, o silenciamento de seus alvos e o apagamento de seus rastros”. (JUNQUEIRA, 2012, p. 79)

Partimos da mesma definição apresentada por Rezende e Cotta (2015) que definem a situação apresentada como “curiosa”, haja vista a percepção de traços pautados em uma regulamentação extrema, com discursos que sugerem afastamento e distanciamento, chegando a transformar-se, em certos casos, em situações de sexismo e fobias sexuais, num espaço que deveria se voltar à abertura, à possibilidade de se estabelecerem encontros reais e afetivos – no sentido da afetação spinoziana e não das relações românticas – entre as pessoas usuárias. Podemos inferir, inclusive, que a utilização de tais dispositivos eletrônicos, na possibilidade do desdobramento

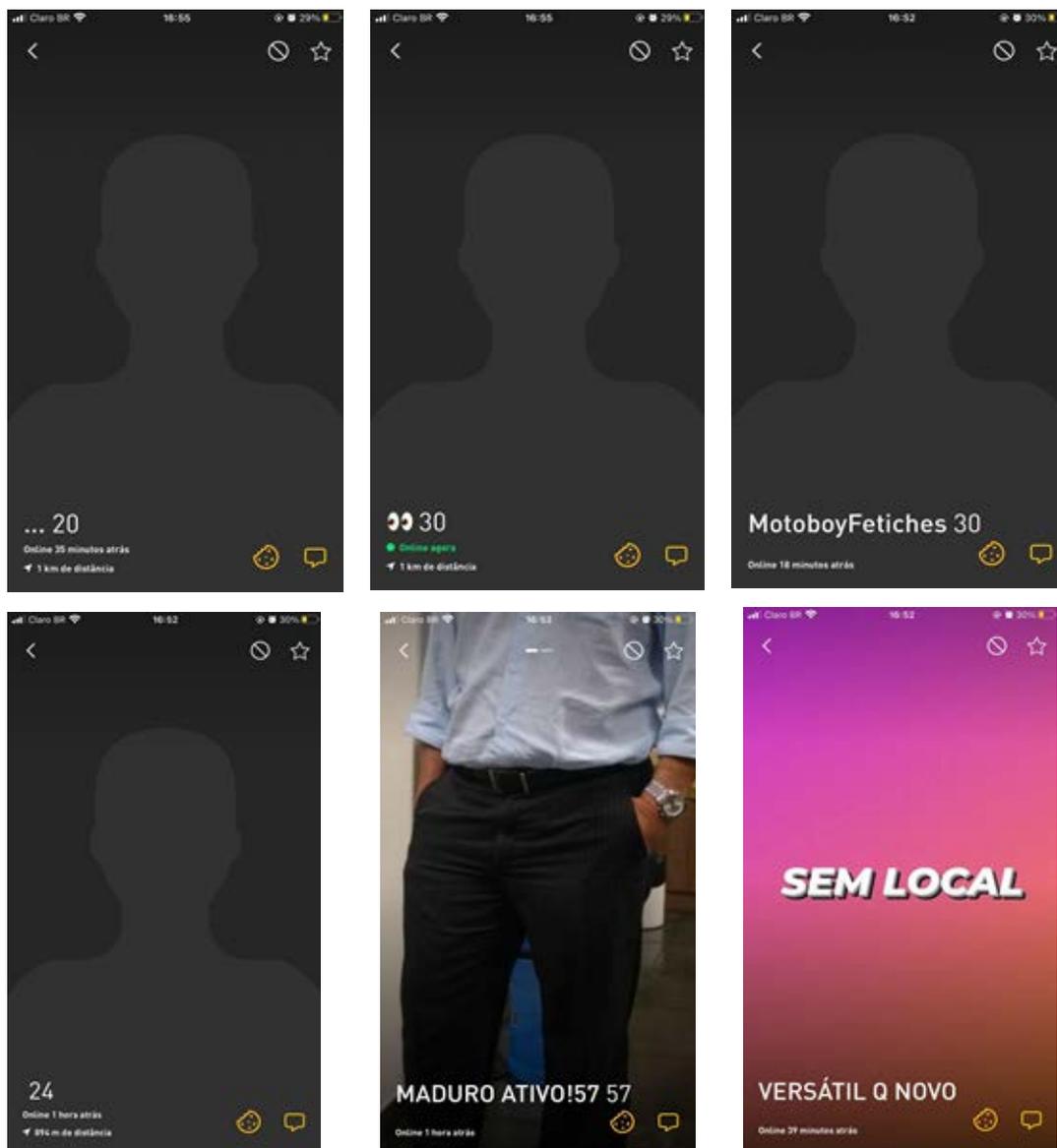


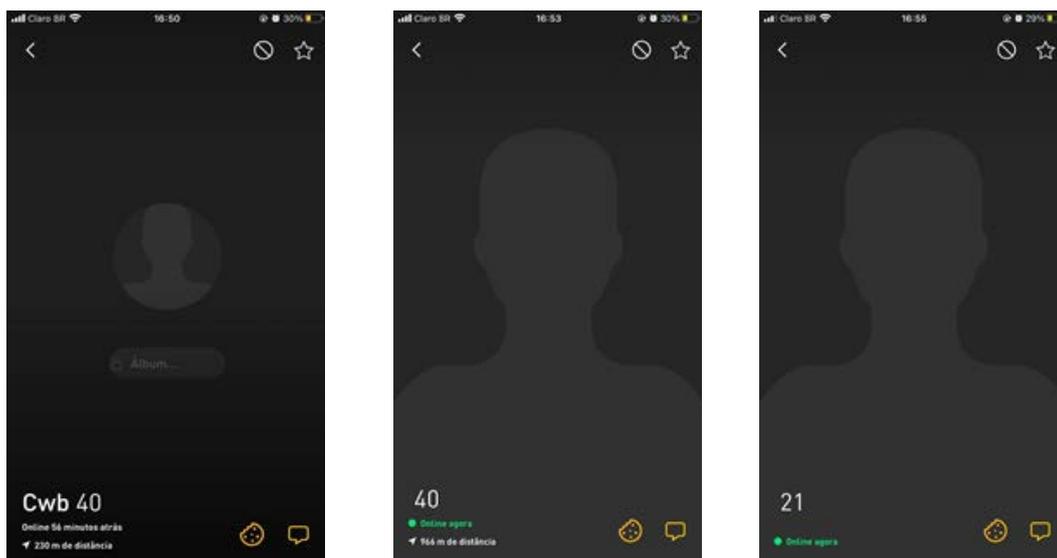
de novas territorializações, representam uma forma de controle, a qual se relaciona diretamente com os diversos cenários de violência (REZENDE; COTTA, 2015) e instituem, mais uma vez, a justaposição da qual depende o ambiente pornotópico.

5.3 Pornotopia e sigilo

O ambiente pornotópico que proporciona o sigilo – ou que é criado por ele – foi um dos mais marcantes durante a realização do estudo. A questão da privacidade possibilitada pelo sigilo “demarca não só a relevância do anonimato para parte dos usuários do app, como também, em alguns casos, a dinâmica de menosprezo à homossexualidade anunciada, afeminada e desviante”. (COSTA, 2020, p. 147) Nesta seção, apresentaremos uma sequência de imagens e, posteriormente, construiremos alguns debates em torno delas.

Imagens 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19





Fonte: Elaboração própria (2022).

Essa terceira e última categoria se baseia no conjunto de algumas das expressões mais comuns no aplicativo. “Sigilo”, “sigiloso”, “discreto” configuram um arcabouço de intensa atratividade no instante em que possibilitam o anonimato e a ressalva das identidades não-desviantes – ao menos no campo social. (SARAIVA; SANTOS; PEREIRA, 2020) Portanto, “o sigilo é uma garantia da experiência homossexual para muitos homens que rejeitam definições comumente inerentes à homossexualidade e buscam pelo ideal de uma masculinidade heteromormativa”. (COSTA, 2020, p. 152)

Podemos estabelecer aqui uma relação com a ideia de armário construída por Sedgwick (2007), no sentido de que tal “sigilo” se apresenta como um reforço do “esconder” seus desejos afetivo-sexuais de uma sociedade que preza pelo estabelecimento de normas cisheterocentradas. Em uma tentativa de classificação ou, melhor ainda, em um atrevimento epistemológico, podemos conferir aqui uma pornotopia do armário, no sentido das sobreposições de realizações do desejo possibilitado pelas vias tecnológicas, mas também criando relações bem singulares, já apresentadas neste texto, no que se referem aos termos de uso e estabelecimento de regras feitas pelo próprio app e apresentadas aos usuáries. Contudo, no quadro de análise dos perfis podemos observar estabelecimento de “regras” entre os próprios usuáries.

Casado com mulher. Ativo. Menor de idade favor NÃO entrar em contato. Se você acha estranho falar com alguém sem ver foto do rosto, nem entre em contato. Não troco nudes. TAP ignoro! (MADURO ATIVO!)

Outra característica interessante de construção dessa “relação singular”, são as formas



visuais de apresentação dos perfis. Chamou-nos atenção que, dos 25 perfis analisados, 18 aparecem sem foto ou com foto, mas sem publicizar o rosto. Com relação aos perfis que contêm algum tipo de descrição, criando a possibilidade de estabelecer algum tipo de contato preliminar, 11 perfis aparecem sem qualquer tipo de descrição.

A concepção do usuário sigiloso é atravessada por uma privacidade que visa à manutenção da sexualidade posta em segredo. Desse modo, a privacidade como sigilo vincula-se à perspectiva de privacidade como a liberdade negativa de viver a sexualidade, sem que haja interferências nessa esfera privada, moldada pelo anonimato, discrição e afastamento de qualquer escrutínio público. (COSTA, 2020, p. 88)

Podemos, desta forma, sugerir que esse espaço portotópico não se faz diferente às normas heterocentradas, inclusive das sujeições atreladas a essas normas. Os perfis, com algumas exceções, denotam de forma concomitante o estabelecimento de “relações singulares” de sexualidade e vivências do prazer em um território virtual-digital, mas com traços marcados de uma vivência social pautada na misoginia, LGBTfobia e, como visto em alguns deles, preconceito geracional (preferência por corpos jovens). Portanto, os territórios de pegação virtual se complexificam por suas construções fincadas em especificidades e carregadas de tradição cisheteronormativa.

6 Considerações finais

Se o ato de aparecer publicamente pode potencializar os processos de desconstrução em torno dos corpos, gêneros e sexualidades, esconder-se no “armário” pode ser percebido como um processo contrário. Além disso, este outro espaço, cada vez mais delimitado, configura-se ao possibilitar o surgimento de inúmeros territórios, os quais se lateralizam, opõem-se, atravessam-se, influenciando nas construções e subjetivações de identidades que se percebem enquanto dissidentes – ou não – das normas sociais.

O Grindr, enquanto aplicativo que possibilita a construção de relações, dentre elas sexuais, apresenta-se como um grande armário pornotópico, onde tais territórios – enquanto delimitações-, culminam em (des)territorializações, sejam estas enquanto processos de fuga, tornando possível esconder-se da cisheteronorma, ou de uma fuga na perspectiva deleuziana, compreendida enquanto possibilitadora da busca pela potência – aqui representada como desejo libidinoso. Assim, constroem-se teias que, ao entrelaçarem-se, influem na subjetivação dos sujeitos que ali se encontram.

A incompatibilidade dos territórios ali justapostos possibilita o surgimento – dentre outras que nos fogem neste estudo, justamente por sabermos da infinitude pornotópica – de três principais categorias, resultado das análises realizadas. A primeira delas é a manutenção da cisheteronorma,



diante da necessidade da expressão da “macheza” de alguns usuáries – por meio de expressões utilizadas – definindo suas preferências sexuais, as quais deverão ser “condizentes” com seu gênero, bem como do rechaçamento de toda e qualquer tipo de dissidência, ao “não aceitar” identidades que possuam quaisquer “traços” feminilizados, caracterizando situações de misoginia e fobias sexuais.

Relacionado a ela, deparamo-nos com o território pornotópico onde as violências se tornam invisíveis, diante da não nomeação de situações de opressão, do silenciamento de possíveis vítimas ou, até mesmo, quando da normalização de um *modus operandi* que é comum àquele espaço. Grande parte das pessoas que utilizam o app fazem questão de impor inúmeras regras, já em seus perfis, que nos demonstram esse caráter violador.

Por fim, entendemos que a grande estrutura por trás – anterior, justaposta, diluída – do “armário” consiste na pornotopia do sigilo. Tendo Preciado (2020) partido da análise de espaços – no caso, a mansão Playboy – que possibilitam a criação de um lugar outro com regulamentações próprias e que estejam voltados ao prazer, faz-se necessário, para um bom desenvolvimento e alcance de sua efetividade, que tais ambientes sejam protegidos, protegendo também todas as pessoas que dele fazem uso. Tal garantia é fornecida pelo sigilo, seja por meio do território em si – o aplicativo – ou pelas várias construções de espaços outros, interiores ao território principal, que fornecem ainda maior eficácia no desenvolvimento das práticas sigilosas e de práticas não cisheterossexuais que, no ambiente público, seriam recriminadas.

Frizamos que as análises feitas se concentram sobre uma ótica, da pornotopia como território de subjetivações nos espaços de desejo. Nosso intuito foi o de propor uma crítica acerca de um único aspecto diluído, é bem verdade, em um universo de centenas de outros. Entretanto, ao pensarmos nos números de violência expressa em crimes de sexismo e fobias sexuais, acreditamos na potência de tais levantes nos espaços acadêmicos, a fim de que estes possam provocar tensionamentos da *práxis* e (re)discussões variadas em torno deste território que mantém as práticas gendradas dicotômicas.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARRETO, V. H. S.. “Venha se você for homem”: o princípio da masculinidade em orgias entre homens. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 99-122, 2018.

BARROS, L. M.. Pornotopia: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia. PRISMA: *Revista de Filosofia*, Manaus, v. 3, n. 1, p. 166-175, 2021.



- BUTLER, J.. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CINTRA, A. M. S.; MESQUITA, L. P.; MATUMOTO, S.; FORTUNA, C. M. Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. *Fractal: Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 45-53, 2017.
- COSTA, R. S.. *Entre taps e direitos: proteção de dados pessoais, privacidade e liberdade no aplicativo Grindr*. 2020. Dissertação (Mestrado em Direito e Inovação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.
- CRESSWELL, J. W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. 335 p.
- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- DELIMITAÇÃO. In: DICIONÁRIO Online de Português. Porto: 7Graus, 2020a. Disponível em: <https://bit.ly/3gsqj3n>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- DUNKER, C. I. L. Mal-estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica lacianiana a partir do perspectivismo animista. *Tempo Social*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 115-136, 2011.
- FOUCAULT, M. De espaços outros. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GREEN, J. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 2000.
- GROHMANN, R. Não sou/não curto: sentidos midiaticizados de masculinidade, feminilidade e classe social nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr. *Sessões do Imaginário*, Porto Alegre, v. 21, n. 35, p. 70-79, 2016.
- JESUS, D. S. V. A voz e o corpo do macho: a virilidade dominante em ‘Laio & Crísipo’. *Repertório*, Salvador, v. 22, n. 32, p. 363-378, 2019.
- JUNQUEIRA, R. D. A Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. *Revista Educação On-line PUC*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 64-83, 2012.
- LAQUEUR, T.; WHATELY, V. *Inventando o sexo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LIMA, D. M.; COUTO, E. S.; SILVA, P. Manda nudes: Pedagogias sexuais no Grindr. *ARTEFACTUM: Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 1-13, 2020.
- MISKOLCI, R. O armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. *Revista Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 2009.
- MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.
- NASCIMENTO, L. C. P. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- PARANHOS, W. R. O discurso de ódio em tempos de pós-verdade: barreiras à prática pedagógica em prol das (des) identidades dissidentes. *Diversidade e Educação*, Rio Grande, v. 9, n. 2, p. 246-265, 2021.



- PARANHOS, W. R.; AGUIAR, N. E.; SANTOS, E. B. Diversidade e inclusão em organizações de saúde: Como, quando e para quem? *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 7, n. 3, p. 246-271, 2021.
- POCAHY, F. A.; NARDI, H. C. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 45-66, 2007.
- PRECIADO, P. *Pornotopia*: playboy e a invenção da sexualidade multimídia. São Paulo: N-1 Edições, 2020.
- PRECIADO, P. *Testo Junkie*: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- REZENDE, R.; COTTA, D. “Não curto afeminado”: homofobia e misoginia em redes geossociais homoafetivas e os novos usos da cidade. *Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura*, Salvador, v. 13, n. 2, p. 348-365, 2015.
- ROCHA, D.; COELHO, M. I. Manda Nudes: Os “crushes” gays nos aplicativos fast foda de relacionamentos. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, Redenção, v. 1, n. 4, p. 5-17, 2018.
- SARAIVA, L. A. S.; SANTOS, L. T.; PEREIRA, J. R. Heteronormatividade, masculinidade e preconceito em aplicativos de celular: o caso do Grindr em uma cidade brasileira. *BBR: Brazilian Business Review*, Vitória, v. 17, p. 114-131, 2020.
- SCOTT, J. W. *A invisibilidade da experiência*. Projeto História, São Paulo, v. 16, p. 297-325, 1998.
- SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007.
- TEDESCHI, S. L.; PAVAN, R. A produção do conhecimento em educação: o Pós-estruturalismo como potência epistemológica. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 12, n. 3, p. 772-787, 2017.
- TERRITÓRIO. In: DICIONÁRIO Online de Português. Porto: 7Graus, 2020b. Disponível em: <https://bit.ly/3XsURCC>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- WILLIAMS, J. *Pós-estruturalismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- YIN, R. K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso, 2016.

